

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PÓS GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

AMANDA RODRIGUES DOS REIS SILVA
CLEISON GOMES CAMPOS
ÉVERTON FLEURY VICTORINO VALLE

TEORIAS METODOLÓGICAS E SEUS IMPACTOS NOS PROCEDIMENTOS DE
ENSINO: UMA VISÃO DO ALUNO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

ANÁPOLIS, GO

2016

AMANDA RODRIGUES DOS REIS SILVA
CLEISON GOMES CAMPOS
ÉVERTON FLEURY VICTORINO VALLE

TEORIAS METODOLÓGICAS E SEUS IMPACTOS NOS PROCEDIMENTOS DE
ENSINO: UMA VISÃO DO ALUNO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Trabalho de conclusão do curso do Curso de especialização em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Especialista em Docência Universitária, sob a orientação do Prof^o. Ms. Wilian Cândido.

ANÁPOLIS, GO

2016



AMANDA RODRIGUES DOS REIS SILVA
CLEISON GOMES CAMPOS
ÉVERTON FLEURY VICTORINO VALLE

TEORIAS METODOLÓGICAS E SEUS IMPACTOS NOS PROCEDIMENTOS DE
ENSINO: UMA VISÃO DO ALUNO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para obtenção do título de Especialista.

Anápolis, 20 de Agosto de 2016.

APROVADO EM: _____/_____/_____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Wilian Cândido – Orientador

Prof^ª. Esp. Aracelly K. Loures Rangel

Prof. Emerson A. Sill



RESUMO

O presente trabalho trata de uma pesquisa sobre os possíveis impactos dos procedimentos metodológicos de ensino na visão do aluno de Docência Universitária. Para isso, discorre-se sobre os princípios gerais para identidade das abordagens de ensino no contexto universitário, bem como o papel das mesmas como pretexto para desenvolver aprendizagem e a exigência de repensar a metodologia de ensino em função do programa curricular. O trabalho é fruto de uma pesquisa de campo realizada com alunos concluintes do curso de Pós-graduação em Docência Universitária de duas faculdades particulares de Anápolis – GO, em que buscou-se compreender como os alunos avaliavam cada uma das abordagens de ensino. Foram utilizadas teorias de Bellan (2005), acerca da andragogia; Bodernave (1984), Libâneo (1982), Saviani (1982) e Mizukami (1986), descrevendo as abordagens de ensino; Freire (1984), discorrendo sobre as formas de ensinar e aprender; Gardner (1995), mencionando a teoria das múltiplas inteligências, dentre outros. Por meio das análises dos questionários aplicados aos alunos, foi percebida uma preferência pela abordagem cognitivista, ao contrário do método tradicional. Percebeu-se semelhanças e diferentes nas avaliações dos dois cursos, o que revela um pluralismo de concepções, o que demonstra dever existir, também, uma diversificada utilização de abordagens por parte dos professores.

Palavras-chave: Procedimentos Metodológicos. Abordagens de Ensino. Docência Universitária.

ABSTRACT

This work is about a research on the possible impacts of methodological procedures of education in view of the student of University Teaching. For this, it elaborates on the general principles for the identity of teaching approaches in the university context, and the role of them as a pretext to develop learning and the need to rethink the teaching methodology based on the curriculum. The work is the result of a field survey of graduating students of the Postgraduate Certificate in University Teaching of two private colleges from Anapolis - GO, in which we sought to understand how the students evaluated each of the teaching approaches. It was used theories of Bellan (2005), about andragogy; Bodernave (1984), Libâneo (1982), Saviani (1982) and Mizukami (1986), describing the educational approaches; Freire (1984), discussing ways of teaching and learning; Gardner (1995), citing the theory of multiple intelligences, among others. Through the analysis of questionnaires given to students, a preference for the cognitive approach was perceived, as opposed to the traditional method. It was noticed similarities and different in the evaluations of the two courses, which reveals a pluralism of ideas, demonstrating duty there, too, a diversified use of approaches by teachers.

Keywords: Methodological Procedures. Teaching Approaches. University Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
PRINCÍPIOS GERAIS PARA IDENTIDADE DAS ABORDAGENS DE ENSINO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	9
2.1 O PAPEL DAS METODOLOGIAS DE ENSINO COMO PRETEXTO PARA DESENVOLVER APRENDIZAGEM	11
2.2 A EXIGÊNCIA DE REPENSAR A METODOLOGIA DE ENSINO EM FUNÇÃO DO PROGRAMA CURRICULAR	13
ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS COM O QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA	19
3.1 EMPRESA X	20
3.1.1 Visão dos Alunos que Exercem Função de Docentes	20
3.1.2 Visão dos Alunos que não Exercem Função de Docentes	23
3.2 EMPRESA Y	25
3.2.1 Visão dos Alunos que Exercem Função de Docentes	25
3.2.2 Visão dos Alunos que não Exercem Função de Docentes	28
3.3 COMPARAÇÕES DAS RESPOSTAS OBTIDAS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE A	38
APÊNDICE B	40
APÊNDICE C	41
APÊNDICE D	42
APÊNDICE E	43

INTRODUÇÃO

Docência Universitária é um curso de especialização, ou seja, pós-graduação *lato sensu*. *Docência*, de acordo com o dicionário etimológico, tem suas raízes no latim *docere*: ensinar, instruir, que são papéis do professor, ultrapassando o ministrar aulas, uma vez que envolve ter conhecimento sobre o conteúdo e didática para transmiti-lo, por exemplo.

Já a palavra “método”, ainda segundo o dicionário etimológico, vem do grego *methodos*, significando um caminho a se seguir. No processo de aprendizagem, são vários as teorias e os métodos abordados, desde uma concepção tradicionalista até a pluralista, por exemplo.

Hoje, muito se discute acerca de quais métodos sejam os mais eficazes para a aprendizagem do aluno. Foi percebida a relevância em se investigar os possíveis impactos dos procedimentos metodológicos de ensino segundo o aluno de Docência Universitária, uma vez que essas metodologias de ensino são os meios utilizados pelos professores de forma a permitir a aprendizagem do aluno.

Sabendo-se da pluralidade de abordagens possíveis no ensino, a pesquisa se restringe a investigar os métodos utilizados pelos professores dos cursos presenciais de Docência Universitária na cidade de Anápolis – GO, sendo que os mesmos são oferecidos por duas faculdades particulares da cidade, levando em conta as experiências e diferenças individuais dos alunos, que influenciam no processo de aprendizagem.

Além disso, buscou-se perceber como o aluno concluinte dos cursos analisa essas mesmas abordagens em outra visão: sendo ele o docente – caso ainda não seja professor, projetando-se como futuro docente. Levando em conta as diferentes correntes teóricas de abordagens de ensino, buscou-se compreender o processo educativo a partir de diferentes enfoques, uma vez que o fenômeno educativo é concebido de muitas formas.

Muitos são os procedimentos metodológicos de ensino disponíveis para o professor de Ensino Superior. Para compreender o impacto causado por eles, faz-se necessário saber quais deles são os mais utilizados e, ainda, quais os mais eficazes no processo de aprendizagem de acordo com o discente.

Sendo assim, foi passível de análise a maneira com que os alunos percebem e avaliam as abordagens dos professores, bem como a relação entre os procedimentos metodológicos utilizados pelos professores e a aprendizagem dos alunos. Para tal investigação, foi feita revisão bibliográfica sobre princípios gerais para identidade das abordagens de ensino no contexto universitário, o papel das mesmas como pretexto para desenvolver aprendizagem e a exigência

de repensar a metodologia de ensino em função do programa, envolvendo Bellan (2005), acerca da andragogia; Bodernave (1984), Libâneo (1982), Saviani (1982) e Mizukami (1986), descrevendo as abordagens de ensino; Pask (1976 apud Laburú et. Al. 2003) e Kempa & Martin-Diaz (1990a, 1990b apud Laburú et. Al. 2003), que abordam as preferências dos alunos por cada abordagem de ensino; Regner (1996), mencionando o pluralismo no ensino; Freire (1984), discorrendo sobre as formas de ensinar e aprender; Gardner (1995), mencionando a teoria das múltiplas inteligências; Lacanallo et all (2006), que discorre sobre a história da educação e abordagens de ensino, citando Comênio (1592- 1670), Rousseau (1712-1778), Herbart (1776-1841), Dewey (1859-1952), Skinner (1904-1990), Freire (1921-1997), Piaget (1896-1980), Vygotsy (1896-1934), dentre outros.

Além da revisão bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de questionário, aplicado aos alunos das duas faculdades em questão.

O trabalho aborda as características das principais abordagens de ensino. Neste tópico houve duas divisões: uma em que se discorre sobre o papel das metodologias no que diz respeito à aprendizagem e outra sobre a necessidade de se repensar cada metodologia no programa curricular. Ainda há a análise dos questionários aplicados aos alunos de Docência Universitária, de modo que foi dividido em três etapas: na empresa X, visão do aluno como docente e do aluno que ainda não exerce a profissão; na empresa Y, visão do aluno como docente e do aluno que ainda não exerce a profissão; e uma visão geral dos resultados.

2 PRINCÍPIOS GERAIS PARA IDENTIDADE DAS ABORDAGENS DE ENSINO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

São várias os meios utilizados pelo professor como facilitador do conhecimento. Segundo Bellan (2005) há uma diferença entre método e técnica: o primeiro é “o conjunto de passos que começa na introdução do conteúdo e termina na avaliação deste. Já a técnica é um recurso que o professor usa para realizar uma parte da aprendizagem a que o método se propõe.”. Sendo assim, utilizar-se-á o termo “método” no presente artigo para fazer referência aos meios gerais utilizados pelo professor, meios estes que se enquadram em uma ou mais abordagens educacionais.

As diferentes linhas pedagógicas, tendências ou abordagens, segundo Mizukami (1986), são: cognitivista, sócio-cultural, tradicional, comportamentalista e humanista. Sendo assim, a abordagem tradicional parte da ideia de que o professor detém o saber e deve fazer com que os alunos absorvam esses conhecimentos. O aluno aprende passivamente por meio das informações que lhe são fornecidas, informações estas que deverão ser apenas armazenadas, acumuladas, uma vez que já foram sintetizadas pelo professor. Desta forma, há uma maior preocupação com a memorização do que com a reflexão. O aluno não é o foco nessa abordagem, mas o professor, pois é ele quem instrui, quem ensina em aulas expositivas.

Segundo Boder nave, a abordagem tradicional é a “pedagogia da transmissão”, em que se “valoriza sobretudo os conteúdos educativos” e acaba formando alunos passivos. (BODERNAVE, 1984, p. 41). Já Saviani diz que a escola, segundo essa abordagem, tem o papel de “difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente.” (SAVIANI, 1984, p 9).

Já na abordagem comportamentalista, o aluno, produto do meio segundo Skinner, aprende experimentando o conhecimento. O professor deve adotar uma postura controladora, uma vez que é assim que manterá ou eliminará algum comportamento do aluno, por meio de práticas reforçadas. Nessa abordagem, o ambiente tem extrema importância no processo de aprendizagem, ele, assim como o ser humano, pode ser controlado e manipulado. Boder nave denomina essa abordagem como “pedagogia da moldagem do comportamento”, pois o fator é o efeito ou resultado obtido pela educação – quer dizer, as mudanças de conduta conseguidas no indivíduo.” (BODERNAVE 1984, p. 41). Segundo Saviani, é uma “pedagogia tecnicista”, em que “é o processo que define o que os professores e alunos devem fazer, e assim também quando e como o farão” (SAVIANI, 1984, pp. 15-9), ocupando, assim, professores e alunos, uma posição secundária no processo de ensino-aprendizagem.

Na abordagem humanista o aluno é o sujeito principal no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a aprendizagem depende dele, pois o professor tem papel de facilitador, cria condições para que os alunos aprendam utilizando suas capacidades, potencialidades e curiosidade nata. Cada aluno deve ser percebido e entendido individualmente, levando em conta seus problemas, uma vez que influenciam na aprendizagem. Para isso deve haver uma grande proximidade entre professor e aluno (MIZUKAMI, 1986).

Segundo Bodernave, a abordagem humanista é uma “pedagogia da problematização”, em que há a identificação de problemas e busca de soluções, tendo o professor um papel de facilitador da aprendizagem em que ele também é aprendiz. (BODERNAVE, 1984, pp. 42-3). Já Libâneo afirma que nesta abordagem é proposta uma autoeducação, em que o aluno é o sujeito do conhecimento e há “ênfase na aquisição de processos de conhecimentos em oposição a conteúdos”. (LIBÂNEO, 1982, pp. 12).

Na abordagem cognitivista, trabalhada por Piaget e Vygotsky, há que causar um desequilíbrio nas estruturas cognitivas do aluno para que novos conhecimentos sejam estruturados, para que haja novamente um equilíbrio. O processo visa o desenvolvimento da inteligência por meio do construtivismo interacionista, em que novas estruturas mentais dependem de outras já existentes, formando assim um novo conhecimento, ou seja, os conhecimentos já existentes são pontes para novos conhecimentos que a eles serão relacionados. Portanto, envolve bastante análise e reflexão por parte do aluno. Segundo Saviani, a abordagem cognitivista “trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender”. (SAVIANI, 1984, pp. 11-5)

De acordo com Mizukami (1986), na abordagem sócio-cultural, desenvolvida por Paulo Freire, leva-se em conta toda a bagagem de conhecimento do aluno, bem como a sociedade em todos os seus aspectos, a realidade a que está inserido. Um novo conhecimento a ser assimilado deve, primeiro, fazer parte da realidade do aluno, do seu cotidiano, fazendo sentido para ele. Portanto, requer do professor uma prática transformadora, questionadora e desmistificadora. O processo de aprendizagem deve ser ativo e prático. É chamada por Bodernave (1984) de “educação libertadora”, em que “a aprendizagem realimenta-se constantemente pelo confronto direto do grupo de alunos com a realidade objetiva ou com a realidade mediatizada”, fazendo com que o aluno desenvolva “sua responsabilidade democrática baseada na participação”. (BODERNAVE, 1984, pp. 41-4). É por essa razão que Libâneo (1982) a denomina “pedagogia progressista”.

Paulo Freire, citado acima, tinha foco na educação para adultos. Essa ciência de ajudar adultos a aprender foi inicialmente definida como andragogia por Malcolm Knowles. Como o

presente artigo trata das abordagens de ensino em cursos de pós-graduação, o termo é bastante relevante, uma vez que se faz necessário levar em conta como o adulto aprende, quais são os impactos dos métodos utilizados pelos professores na aprendizagem do aluno adulto.

2.1 O PAPEL DAS METODOLOGIAS DE ENSINO COMO PRETEXTO PARA DESENVOLVER APRENDIZAGEM

O objetivo de se utilizar cada uma das metodologias de ensino é, senão, facilitar o processo de aprendizagem. Cada professor se utiliza de uma ou mais metodologias e, portanto, abordagens de ensino, visando promover o processo de aprendizagem do aluno, como facilitador.

Os professores têm uma pluralidade de abordagens para fazerem uso. Há motivos para que utilizem um ou outro método. O professor que utiliza a abordagem tradicional, segundo Mizukami (1986), parte do pressuposto que a inteligência é uma faculdade capaz de armazenar informações. Então, o professor escolhe transmitir informações selecionadas para que o aluno assimile a síntese do conteúdo.

Já os professores que fazem uso da abordagem comportamentalista, acreditam que o aluno aprende mais com a experimentação, quando o conteúdo a ser transmitido é vivenciado. Os que utilizam a abordagem humanista acreditam que no processo de aprendizagem é necessário existir uma relação mais estreita entre professor e aluno, levando em conta os problemas que o aluno tem e que influenciam na aprendizagem, que por sua vez depende dele para acontecer.

Ainda de acordo com Mizukami (1986), os professores que fazem uso da abordagem cognitivista buscam questionar o aluno para que ele faça relações sobre o conteúdo, formando novas estruturas. E os que se utilizam da abordagem sócio-cultural creem que é necessário trazer o conhecimento à realidade do aluno, que não o verá mais como algo distante e difícil de alcançar, mas como parte do seu contexto.

No entanto, em qualquer que seja o método utilizado pelo professor, este, como facilitador deve, segundo Bellan (2005) analisando a Taxonomia de Bloom, perceber o que o aluno já sabe e fornecer informações, ajudando-o a organizar este conteúdo e também assimilar os novos fatos, além de analisar a relevância da informação a ser transmitida, despertar no aluno o interesse em analisar os detalhes da informação para que perceba as partes e as relacione com o todo, auxiliar o aluno a construir um novo conhecimento sobre o já existente e, por fim, verificar se o objetivo foi alcançado.

Pask (1976 apud Laburú et. Al. 2003) percebeu que os alunos têm preferências a estilos de aprendizagem. Alguns preferem ter uma visão global do assunto, trabalhando com várias hipóteses e adotando uma postura individualista da aprendizagem. Outros preferem integrar aos poucos as informações recebidas, analisando e examinando-as, elaborando uma hipótese por vez.

Kempa & Martin-Diaz (1990a, 1990b apud Laburú et. Al. 2003) dividem em quatro padrões de motivação à preferência dos alunos. São os executores, os curiosos, cumpridores de tarefas e os sociais, sendo eles, respectivamente, os que não parecem ter identificação com os procedimentos adotados pelos professores, os que preferem aprender a partir de livros e atividades práticas, os que preferem um ensino convencional e com experimentos feitos com instrução, e, por último, os que têm afinidade por atividades em grupo.

Sendo assim, percebe-se a necessidade da utilização de uma série de procedimentos metodológicos, uma vez que são meios para a facilitação do processo de aprendizagem do aluno. Há que promover um pluralismo no ensino, que, segundo Regner (1996), se opõe a um princípio único e absoluto.

Tais procedimentos devem ser utilizados percebendo-se a necessidade dos alunos, uma vez que é sabido que em uma mesma turma (de ensino superior, no caso), mesmo que tenham escolhido uma mesma área de atuação – podendo supor, assim, que tenham facilidade ou interesse por aquela grande área de conhecimento – há diferentes indivíduos, que trazem diferentes bagagens, cada um podendo aprender de uma ou diferentes maneiras. Ou seja, há uma “pluralidade na própria singularidade” (FREIRE, 1984, p. 40).

A teoria das múltiplas inteligências, de Gardner, corrobora com tais afirmações, uma vez que “os indivíduos podem diferir nos perfis particulares da inteligência com os quais nascem, e que certamente eles diferem nos perfis com os quais acabam” (GARDNER, 1995, p. 15).

Segundo Gadotti (1993), o processo de ensino-aprendizagem é complexo e mutável, uma vez que envolve múltiplos saberes. Portanto, apesar de haver, atualmente, uma preferência pelo modelo construtivista de ensino, não seria interessante haver uma única praxe em sala de aula, e, sim, um pluralismo metodológico. É do que o presente artigo trata: se os alunos dos cursos de pós-graduação têm preferência por um ou mais de um método de ensino e quais são os mais relevantes, segundo os mesmos.

2.2 A EXIGÊNCIA DE REPENSAR A METODOLOGIA DE ENSINO EM FUNÇÃO DO PROGRAMA CURRICULAR

Segundo Veiga, (2005, p. 2), a Lei 9394/96 prevê incumbências para os professores que abrangem “[...] zelar pela aprendizagem dos alunos [...]” e “[...]estabelecer estratégias de recuperação para alunos de menor rendimento [...]”. Neste sentido, preocupa-se com a qualidade da educação superior com relação a formação pedagógica, científica e política dos docentes.

Para isso, o professor deve ter um repertório concreto de procedimentos metodológicos de ensino com o intuito de se adequar a cada situação.

Com relação as metodologias de ensino conhecidas atualmente, deve-se destacar que muitas delas possuem aspectos positivos e negativos que dependem de um ponto de vista com relação ao processo de ensino-aprendizagem. Lacanallo et al. (2016) afirmam que as ideias dos pensadores da educação acontecem em razão a uma organização didática vigente na época, ou período em que eles viveram. São citados autores como: “[...] Comênio (1592- 1670), Rousseau (1712-1778), Herbart (1776-1841), Dewey (1859-1952), Skinner (1904-1990), Freire (1921-1997), Piaget (1896-1980), Vygotsy (1896-1934), Saviani [...]”. Desta forma, as teorias não devem ser estudadas de forma isolada e sim analisando seu contexto histórico, teorias antecedentes e precedentes.

Segundo Lacanallo et al. (2016), cada autor, de forma individual, compreendia o processo de ensino-aprendizagem e descrevia uma nova teoria buscando substituir uma anterior. Entretanto sempre eram incorporados elementos da metodologia anterior na atual. Desta forma, sempre há uma busca de romper com o tradicional e criar modelos modernos. Considerando o objetivo básico da educação como proporcionar aprendizagem ao aluno, o método portanto, pode ser traduzido como um caminho para chegar ao objetivo.

Lacanallo et al. (2016) demonstram que em 1551 a companhia de Jesus já havia formulado o primeiro plano de estudos e nesta época o *ratio* passou a ser lei. No modelo vigente, repetições de aula, interrogatórios e as disputas eram os pontos fortes para aprendizagem. A finalidade era fazer com que o aluno gravasse as informações e repetisse sem questionar ao mestre ou a autenticidade da informação passada por ele

Segundo Lacanallo et al. (2016) Comênio (1593 a 1670) foi considerado o pai da didática por romper alguns paradigmas afirmando que a aprendizagem poderia ser mais fácil e agradável. A vivência, portanto, fazia parte do ensino, sendo que, cada aluno possuía um tipo diferente de vivência. Tal afirmativa se deve ao fato de que não havia nada atrativo, o que prejudicaria o aprendizado:

Partindo da ideia de natureza, enquanto algo conhecido pelo homem, Comênio criou um modelo de análise para a Didática, elaborando um método capaz de

ensinar tudo a todos, para alcançar a totalidade do saber e dos homens. Os conhecimentos advindos da coência da natureza e da nova forma de trabalho deveriam, por meio da Didática, ser implantados nas escolas, entendidas pelo autor como oficinas de construção do conhecimento. Valorizava-se a experiência e a educação dos sentidos partindo do que era conhecido. Comênio sugeriu uma escola única e universal. Seu método apresentou os passos necessários para ensinar e destacou a função do professor como controlador da aprendizagem e da ordem, atribuindo a ele o centro do processo de ensino, já que era o transmissor absoluto do conhecimento. As aulas expositivas funcionavam como métodos eficazes de ensino. O autor enfatizava os recursos de ensino, os meios para ensinar, pois assim as imagens, as gravuras e os objetos ficariam gravados na lembrança. (LACANALLO et al., 2016, p.5)

Rousseau (1712-1778) foi o próximo na linha de pensadores da educação segundo Lacanallo et al. (2016). Para o pensador, a educação tinha dois aspectos importantes: o potencial natural da criança e o isolamento contra males sociais. Pois o homem nasce bom, a sociedade que o corrompe. Neste sentido, o ambiente rural era propício para educar, visto que havia contato com a natureza. O objetivo, portanto, não é moldar o aluno, mas sim respeitar sua própria natureza. Alguns autores como Suchodolski (2005) citado por Lacanallo et al. (2016), reafirmam a continuidade das ideias de Comênios em Rousseau.

Com o surgimento da sociedade moderna, a própria burguesia foi destituindo o ensino tradicional devido as necessidades da época. Com a revolução industrial, foram necessárias escolas preparatórias para a mão de obra industrial. Para Dewey (1953) citado por Lacanallo et al. (2016), o homem possui um desejo natural de conhecer as coisas, portanto o processo de aprendizagem deve aproveitar disto, explorando a curiosidade, dúvidas e incertezas, investigação, observação e experimentação. Neste sentido, o professor deve promover o ato de pensar.

Skinner (1904 – 1990) é o pensador seguinte do estudo de Lacanallo et al. (2016). Esse autor teve como base para seus estudos a materialização de suas ideias. Com o uso de experimentos em laboratórios, ele compreendeu comportamentos não humanos e criou o modelo de análise experimental do comportamento. Para Skinner, tudo ocorria por meio de associação de forma condicional. O aluno deveria ser reforçado a cada tarefa, com gratificações quanto ao acerto e punições quanto ao erro. Seus princípios foram criticados devido a forma mecanicista do trabalho didático.

Para Skinner o conhecimento é uma “descoberta”, que apesar de já existir para o mundo externo, é nova para o indivíduo. O homem é considerado o produto do meio, sendo que, o segundo pode ser manipulado. Já o conhecimento, só pode ser obtido através da experiência, pois a educação é por base de transmissão cultural. O professor deve controlar o

processo de aprendizagem economizando tempo e esforços com o pressuposto de que o aluno progride em seu próprio ritmo, verificando assim, se o aluno aprendeu ou não.

A abordagem humanista é centrada no desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Assim, o professor deve assumir o papel de facilitador da aprendizagem, criando condições para o aluno aprender, sem foco na “transmissão de conteúdo” do método tradicional. O motivo para aprender deve vir do próprio aluno, assim, a autodescoberta é característica dessa abordagem. Quanto ao conhecimento neste tipo de abordagem, é inerente a atividade humana e também acontece devido a experiência de forma análoga ao que é apontado na abordagem comportamentalista. Entretanto, o aluno deve ter autonomia para querer o aprendizado e o professor deve contatar o aluno com problemas relacionados a realidade do discente impulsionando o desejo pelo saber, ao contrário do comportamentalismo, aqui não há reforço direto. Desta forma, a avaliação também é considerada diferente, pois é reforçada a ideia de auto avaliação e controle da aprendizagem por parte do aluno (MIZUKAMI, 1986).

Na abordagem sócio-cultural, o conhecimento está ligado a conscientização do indivíduo. Neste sentido, a educação deve ser baseada na reflexão e a escola deve propiciar o crescimento mútuo entre docente e discente.

Na abordagem cognitivista, o conhecimento acontece de forma continua com a interação entre homem e mundo. São provocadas situações incomuns aos alunos, garantindo reciprocidade intelectual, proporcionais a cada etapa de seu desenvolvimento, ensinando o discente a observar e analisar. O ensino ocorre de acordo com as atividades do sujeito perante sua situação social, sendo o desenvolvimento humano que traz referencias para o ensino. A avaliação ocorre de acordo com uma norma qualitativa, garantindo que o aluno adquiriu noções, experiência e outros, ou seja, o esforço é mais merecedor que a aprendizagem em si (MIZUKAMI, 1986).

Nas palavras de Mizukami (1986) quanto ao ensino-aprendizagem:

A estrutura de pensar do oprimido está condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial em que o oprimido se forma. Resultando consequencias tais como: 1. ser ideal é ser mais homem...;2. atitude fatalista; 3. atitude de auto desvalia; 4. o medo da liberdade ou a submissão do oprimido.

No modelo de Paulo Freire (1921 – 1997), com abordagem conhecida como sócio-cultural, também estudado por Lacanallo et al. (2016), a proposta pedagógica é o inverso da apresentada nas linhas tradicionais. Esse pesquisador atuava no campo pedagógico e político e correlacionava ambos para a educação. Seus ideais visavam a libertação do oprimido e via a disputa de classe como um dos motores da história, e não o único. Para ele, tanto opressor quanto oprimido se desumanizam durante o processo. Paulo Freire também defendia que uma

das funções escolares deveria ser a conscientização para promover mudanças na sociedade, tornando-a mais igualitária.

Segundo Barcellos (2010), Paulo Freire comparava o ensino tradicional com um depósito bancário, onde o educador narra o conteúdo e o educando deve memorizá-lo mecanicamente. Também há comparações do método com vasilhas a serem enchidas e os melhores educadores serão aqueles que conseguirem encher mais os recipientes.

O educador é o que educa, os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe, os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa, os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra, os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina, os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção, os educandos, os que seguem a prescrição; o educador é o que atua, os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; o educador escolhe o conteúdo programático, os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos, estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo, os educandos, meros objetos (FREIRE, 1970, p. 59).

Na concepção tradicional, a aprendizagem é tratada como uma cerimônia formalizando o ensino. O professor como autoridade intelectual e moral prolonga uma relação social vertical com o aluno. O método de repetição verbal e memorização são frequentemente criticados por autores contemporâneos como Zabala (2006) e o professor deve intervir para que a aprendizagem ocorra (BARCELLOS, 2010).

Segundo Mizukami (1986), no método tradicional, o diploma serve como método de hierarquização sendo mediador das funções sociais de cada indivíduo. Para isso, no processo de ensino-aprendizagem, são necessárias avaliações e reprovações caso o aluno não atinja o mínimo cultural do seu segmento. Desta forma, a individualização é tendência e se reduz, ou até mesmo, exclui possibilidades e competências para trabalhos em grupo. Além disso, a educação é restrita a escola. Como resultado, o aluno acaba por aprender parcialmente o conteúdo com frequência.

Para todas as metodologias citadas e suas características, desconsidera-se diferenças individuais, pois as constatações feitas pelos autores aqui estudados abordam o tema de forma generalizada, ou seja, com relação a maioria de alunos e professores.

Segundo Gil-Pérez e Carvalho (2000) citados por Barcellos (2010), A crítica ao ensino tradicional já é considerada senso comum para professores em formação. Em sua grande maioria, os professores tendem a rejeitar tal prática de ensino, mas ainda há fortes evidências para afirmar que as aulas ministradas continuam sendo comumente praticadas devido principalmente a falta de experiência e pela comodidade, visto que os professores, quando

alunos, também aprenderam dessa maneira. O fato da abordagem ser menos trabalhosa também pode ser considerado um forte fator para a escolha da prática.

Desta forma, é necessário um confronto entre abordagens para cursos de formação de professores com intuito de proporcionar uma auto-avaliação por parte dos docentes em relação a sua atuação pedagógica. (BARCELLOS, 2010 apud MIZUKAMI, 1986)

Barcellos (2010) conclui em seu estudo que os alunos do segundo período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, no que tange a aprendizagem, possuem concepções relacionados a abordagem de ensino tradicional devido a experiências vivenciadas na formação escolar. Enquanto isso, alunos que já vivenciaram outras abordagens (sexto semestre) apresentam concepções de ensino-aprendizagem diferentes, utilizando elementos relacionados a concepção construtivista. Como limitação do estudo de Barcellos, destaca-se que as concepções dos alunos nos questionários não garantem suas atuações como docentes.

Até a década de 80, muitos educadores ainda eram influenciados pelas ideias e propostas de Skinner. Entretanto, começou-se a enxergar uma necessidade de entender como o conhecimento em si é processado. Dentre os pesquisadores da época, podem ser citados Piaget (1896 – 1980) e Vigotsky (1866 – 1934). Segundo Lacanallo et al. (2016), Piaget considerava vários fatores que influenciavam no processo de aprendizagem como experiência, meio e outros. A epistemologia, como é conhecida, colaborou no referencial para explicar como é a construção do conhecimento.

Destaca-se portanto, que cada contexto traz uma metodologia diferente. Assim sendo, não há regra geral para um melhor método de ensino para toda população, mesmo sendo esse o objetivo das teorias do conhecimento e das práticas pedagógicas, até porque uma teoria sobrepõe outras em alguns aspectos.

As teorias do conhecimento e práticas pedagógicas objetivam construir o melhor método, ou seja, aquele capaz de garantir a aprendizagem de todos os alunos. Contudo, reconhece-se que a ideia do “novo método” traz em si os anteriores, mesmo sendo para refutá-los. (LACANALLO et al., 2016, p.15)

Entretanto faz-se necessário identificar os métodos mais utilizados e mais bem aceitos por alunos em cada nicho de estudo, facilitando assim, o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Mizukami (1986), é possível constatar que algumas linhas teóricas acabam sendo mais explicativas que outras de acordo com cada situação. Desta forma, percebe-se uma possibilidade de articular tais teorias.

Como crítica final aos métodos existentes, destaca-se ainda que, como afirmado na obra de Lacanallo et al. (2016), cada metodologia teve seu contexto histórico, portanto, as

teorias de hoje podem ser refutadas ou melhoradas dentro de alguns anos com novos pesquisadores.

3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS COM O QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Em meio a tantas metodologias de ensino e aprendizagem, dúvidas como, qual delas aplicar em sala de aula, são frequentes para docentes iniciantes. Além disso, muitas vezes são aplicadas de forma inadequada por aqueles que já possuem experiência na área. Neste sentido, para atingir os objetivos iniciais foi elaborado um questionário, presente no APÊNDICE I. Nesta sessão é descrita a análise do mesmo aplicado, bem como sua comparação em relação a docentes experientes e novatos em duas Instituições de Ensino Superior (IES).

O questionário traz perguntas em quatro vertentes distintas relacionadas a: a) prática adotada pelos professores (perguntas de um a seis, destacadas em verde); b) perguntas diretamente relacionadas a aprendizagem (perguntas de sete a onze destacadas em amarelo); c) quanto a sistemas de avaliação (perguntas de 12 a 14 destacadas de rosa) e d) outras questões (perguntas 15 a 17 sem destaque). Dentro dessas divisões, há perguntas de distintas metodologias ordenadas de forma em que haja separação entre as de mesma metodologia. Essa ordem foi feita com intuito de não influenciar diretamente as respostas, visto que tais perguntas são de conhecimento dos questionados. Assim é esperado que seja evitado os vícios e tendências dos mesmos.

No total foram elaboradas 17 questões, sendo duas relacionadas a metodologia Sócio-Cultural e quatro relacionadas as abordagens Tradicional, Comportamentalista, Humanista e Cognitivista, cada uma. Os pesos foram atribuídos com notas de um (1) a cinco (5), nos quais um (1) é o valor mínimo de aceitação da prática e cinco (5) o valor máximo. Outras abordagens não foram tratadas no questionário.

A priori, foi feita a separação dos questionários por IES e por experiência como professor em cada uma delas, e ainda na visão como professor e como aluno, totalizando 8 análises distintas que podem ser combinadas e comparadas. Por questões de ética, não serão chamadas tais IES pelos respectivos nomes jurídicos ou comerciais, sendo assim, elas podem ser identificadas neste estudo como X sendo a primeira e Y para a segunda.

Para melhor compreensão das análises, esta sessão será dividida de acordo com as empresas estudadas. Como informação adicional a ambas empresas, destaca-se que o APÊNDICE B apresenta os valores de números de respostas obtidas da empresa X, em cada nota (de 1 a 5) com alunos que já exercem função como professor, na visão como professor e, em seguida, a visão como aluno. No APÊNDICE C, há também os mesmos valores da empresa

X, porém com respostas obtidas de alunos que ainda não são professores, na visão deles como futuros docentes e, posteriormente, como alunos.

O APÊNDICE D traz informações da empresa Y, no qual há o número de respostas obtidas em cada nota (de 1 a 5) de discentes que já atuam como professores, na visão como professor e, em seguida, como aluno. As respostas da empresa Y dos discentes que não são professores estão disponíveis no APÊNDICE V, com a visão como futuro docente e, posteriormente, como aluno.

Os valores absolutos são difíceis de serem analisados, neste sentido, foram feitas análises por porcentagens em cada sessão. Por esse motivo, os valores absolutos estão em APÊNDICES como supracitado anteriormente. As informações de maior prestígio e fácil compreensão estarão em texto corrido.

3.1 EMPRESA X

A primeira análise feita foi na empresa X onde, de um total de 52 Alunos (população), 30 responderam o questionário (amostra). Sendo assim, foi necessário o trabalho com amostras provenientes de leis estatísticas e, para definir o intervalo de confiança, foram utilizadas a Equação 1 e a Equação 2 demonstradas a seguir, definidas por Weber et al. (2006).

$$n = \frac{1}{\varepsilon^2} \quad \text{Equação 1}$$

$$FCP = \frac{N \times n}{N + n} \quad \text{Equação 2}$$

Onde “N” é o tamanho da população, “n” a constante obtida pela Equação 1 através do erro, e “FCP” o número de amostras. Como “N” é 52, “FCP” é 30, o valor do “n” é 70,9 e portanto, o erro é aproximadamente 12%, ou seja, a confiabilidade estatística (nível de confiança) é de aproximadamente 88% para a empresa X.

3.1.1 Visão dos alunos que exercem função de docentes

Das respostas do questionário, oito apresentam que já exercem função como professor. A média de tempo de profissão é de seis anos, entretanto, apenas uma pessoa possui experiência de 17 anos, o que representa um *outlier* da média. Se excluir essa pessoa, a média é de quatro anos apenas, o que representa ainda, pouco tempo de experiência na área.

A tabela 1 apresenta os resultados da empresa X das oito respostas obtidas pelos professores para as abordagens de acordo com as respectivas perguntas na visão como docente.

Tabela 1 – Resultados da visão como professor dos que exercem função, Empresa X

Abordagem tradicional					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
1	13%	0%	25%	25%	38%
7	13%	13%	50%	13%	13%
12	38%	38%	0%	0%	25%
15	13%	0%	38%	13%	38%
média	19%	13%	28%	13%	28%
Comportamentalista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
2	13%	0%	13%	0%	75%
8	0%	13%	50%	25%	13%
13	25%	13%	13%	25%	25%
16	50%	13%	13%	25%	0%
média	22%	9%	22%	19%	28%
Humanista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
3	50%	0%	13%	38%	0%
4	88%	13%	0%	0%	0%
8	0%	13%	50%	25%	13%
9	0%	13%	13%	13%	63%
média	22%	9%	22%	19%	28%
Cognitivista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
5	75%	13%	13%	0%	0%
10	25%	38%	25%	13%	0%
14	25%	50%	0%	25%	0%
17	88%	13%	0%	0%	0%
média	53%	28%	9%	9%	0%
Sócio-Cultural					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
6	75%	0%	25%	0%	0%
11	25%	25%	50%	0%	0%
média	50%	13%	38%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Percebe-se, portanto, que quanto a abordagem Tradicional, as opiniões estão divididas. Nenhuma média avaliativa (faixa laranja) superou 28%. O mesmo pode-se dizer para a metodologia Comportamentalista e Humanista. Isso indica que dessas práticas apontadas, não há um consenso por parte dos questionados em relação a percepção positiva ou negativa das mesmas.

Em contrapartida, as metodologias Cognitivista e Socio-cultural apresentaram 91% e 100% de avaliações acima da nota três (3), respectivamente, o que demonstra uma aceitação muito boa por parte dos docentes. Destaca-se ainda que ambas abordagens receberam uma média de votos acima de 50% para nota 5.

Na visão como aluno, o Quadro 2 também traz as médias relativas a eles. A primeira divergência encontrada entre a avaliação como aluno e como professor dos questionados está

na avaliação da prática tradicional. Apesar das opiniões continuarem divididas, há uma média de avaliações de 38% para a nota um (1) neste tipo de abordagem. Isso denota clara insatisfação dos mesmos como alunos, em contrapartida, estes não apresentam tal insatisfação na atuação docente em sala de aula. Tal resultado comprova o que é levantado na revisão teórica sobre a praticidade dessa abordagem e seu uso contínuo, mesmo não apresentando boa relação de ensino-aprendizagem como apontado por Gil Peres e Carvalho (2000) *apud* Barcellos (2010).

Tabela 2 – Resultados da visão como aluno dos que exercem função, Empresa X

Abordagem tradicional					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
1	13%	13%	13%	13%	50%
7	13%	13%	25%	25%	25%
12	25%	38%	0%	13%	25%
15	0%	0%	38%	13%	50%
média	13%	16%	19%	16%	38%
Comportamentalista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
2	13%	0%	13%	13%	63%
8	0%	0%	63%	38%	0%
13	25%	25%	0%	25%	25%
16	38%	13%	38%	13%	0%
média	19%	9%	28%	22%	22%
Humanista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
3	50%	0%	13%	38%	0%
4	75%	25%	0%	0%	0%
8	0%	0%	63%	38%	0%
9	0%	13%	13%	25%	50%
média	31%	9%	22%	25%	13%
Cognitivista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
5	88%	0%	13%	0%	0%
10	38%	25%	25%	13%	0%
14	25%	50%	0%	25%	0%
17	88%	13%	0%	0%	0%
média	59%	22%	9%	9%	0%
Sócio-Cultural					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
6	75%	0%	25%	0%	0%
11	25%	25%	50%	0%	0%
média	50%	13%	38%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Para a abordagem comportamentalista os parâmetros continuaram distribuídos de forma parecida. Entretanto, para abordagem Humanista, há uma elevação na média para avaliação nota 5, demonstrando maior aceitação dos docentes por tal prática na visão como aluno. Em relação as práticas Cognitivista e Sócio-cultural as médias permaneceram altas.

Como último destaque, a questão de número dois do questionário foi a que teve menor avaliação com 75% de votos na avaliação um (1) na visão como professor e 63% na visão como aluno. A pergunta mais aceita foi a de número 17 com 88% dos votos em ambos casos. O índice de confiabilidade foi de 67,5% (FCP=8).

3.1.2 Visão dos alunos que não exercem função de docentes

A tabela 3, analogamente à tabela 1 e tabela 2, mostra os resultados referentes as médias avaliativas das abordagens da visão como futuros docentes daqueles que ainda não exercem função de professor da Empresa X. As afirmações que seguem podem ser feitas via Equação 1 e Equação 2 com aproximadamente 84,0% de índice de confiabilidade (FCP=22).

Tabela 3 – Resultados da visão como professor dos que não exercem função, Empresa X

Abordagem tradicional						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
1	14%	18%	36%	14%	18%	
7	32%	27%	14%	23%	5%	
12	27%	36%	27%	5%	5%	
15	36%	18%	23%	0%	23%	
média	27%	25%	25%	10%	13%	
Comportamentalista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
2	14%	5%	18%	14%	50%	
8	18%	32%	32%	9%	9%	
13	32%	23%	36%	0%	9%	
16	73%	9%	14%	5%	0%	
média	34%	17%	25%	7%	17%	
Humanista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
3	36%	32%	23%	0%	9%	
4	55%	27%	14%	0%	5%	
8	18%	32%	32%	9%	9%	
9	9%	5%	18%	18%	50%	
média	30%	24%	22%	7%	18%	
Cognitivista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
5	55%	36%	5%	5%	0%	
10	32%	50%	18%	0%	0%	
14	27%	32%	32%	5%	5%	
17	86%	14%	0%	0%	0%	
média	50%	33%	14%	2%	1%	
Sócio-Cultural						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
6	36%	41%	18%	0%	5%	
11	36%	14%	32%	14%	5%	
média	36%	27%	25%	7%	5%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Percebe-se que diferentemente dos que já exercem função como professores, estes questionados apresentam 72% das médias avaliativas acima de três (3) para abordagem

tradicional. Ainda assim, percebe-se um receio de avaliar tais práticas com notas altas. As notas aparentam distribuição branda entre as notas 3, 4 e 5.

Na abordagem comportamentalista, 76% das médias avaliativas estão acima de três (3), entretanto, é possível perceber maior aceitação nesta prática do que na tradicional, visto que a ponderação mais alta (nota 5) possui maior média. Deve-se destacar que, por ter uma avaliação muito ruim na questão de número dois, a média de avaliações caiu de forma considerável, sendo, aparentemente, a questão dois o ponto crítico da prática.

Para as práticas Humanistas, há boa distribuição de média. Já quanto a Cognitivista e Sócio-Cultural, ambas tiveram respectivamente 97% e 88% de média avaliativa acima de três (3). O Quadro 4 mostra a visão dos estudantes de pós-graduação da empresa X que não exercem a função de docente, apresentando sua visão como aluno.

Tabela 4 – Resultados da visão como aluno dos que não exercem função, Empresa X

Abordagem tradicional					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
1	14%	14%	32%	14%	27%
7	18%	41%	14%	23%	5%
12	9%	27%	41%	14%	9%
15	36%	18%	18%	5%	23%
média	19%	25%	26%	14%	16%
Comportamentalista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
2	14%	5%	23%	14%	45%
8	18%	23%	36%	14%	9%
13	27%	23%	36%	5%	9%
16	77%	5%	14%	5%	0%
média	34%	14%	27%	9%	16%
Humanista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
3	41%	27%	23%	0%	9%
4	55%	23%	18%	0%	5%
8	18%	23%	36%	14%	9%
9	5%	5%	45%	9%	36%
média	30%	19%	31%	6%	15%
Cognitivista					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
5	45%	36%	14%	5%	0%
10	32%	41%	27%	0%	0%
14	18%	27%	50%	0%	5%
17	86%	14%	0%	0%	0%
média	45%	30%	23%	1%	1%
Sócio-Cultural					
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1
6	36%	32%	23%	5%	5%
11	32%	23%	36%	5%	5%
média	34%	27%	30%	5%	5%

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Em destaque a análise, nota-se uma queda da avaliação da prática tradicional por parte da visão como estudante. O mesmo comportamento foi observado na análise daqueles que já

exercem a função, o que reforça as conclusões apontadas em relação a essa prática, ou seja, não estabelece uma boa relação de ensino-aprendizagem e é constantemente usada devido à sua praticidade.

As demais análises são similares ao percebido na visão como professores, com exceção do aumento na média avaliativa para as práticas humanistas. Reforça-se que a questão de número dois continua com pior avaliação pontual e a de número 17 com a melhor.

3.2 EMPRESA Y

Quanto a análise da Empresa Y, de um total de 22 Alunos, 12 responderam o questionário, sendo sete os que já atuam como professores.

3.2.1 Visão dos alunos que exercem função de docentes

A média de tempo de profissão dos questionados foi de 6,57 anos, pouco mais do que na empresa X, porém com distribuição próxima a média. A tabela 5 apresenta os resultados das porcentagens de médias avaliativas de cada abordagem de acordo com as perguntas feitas no questionário.

Destes dados, é possível observar que a prática de ensino tradicional possui média avaliativa acima de três (3) em cerca de 82% das respostas. Isso demonstra claramente o uso ou apoio contínuo da prática em sala de aula enquanto se exerce a profissão. Assim como as práticas humanistas também foram avaliadas de forma parecida, sendo que a média avaliativa acima de três (3) também chegou a 82% dos casos.

Para a prática comportamentalista, as respostas estão bem distribuídas com nenhuma média avaliativa acima de 29%. Quanto a prática cognitivista, todas as respostas incluíram avaliação três (3) ou superior, sendo que há uma média de 75% das respostas avaliadas em nota cinco (5). Para a Sócio-Cultural 93% das respostas resultaram em médias avaliativas acima de três (3).

Tabela 5 – Resultados da visão como professor dos que exercem função, Empresa Y

Abordagem tradicional						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
1	14%	29%	43%	0%	14%	
7	14%	29%	43%	0%	14%	
12	29%	14%	29%	0%	29%	
15	29%	29%	29%	0%	14%	
média	21%	25%	36%	0%	18%	
Comportamentalista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
2	0%	29%	29%	14%	29%	
8	14%	43%	29%	14%	0%	
13	29%	29%	14%	14%	14%	
16	71%	0%	14%	0%	14%	
média	29%	25%	21%	11%	14%	
Humanista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
3	57%	14%	29%	0%	0%	
4	57%	43%	0%	0%	0%	
8	14%	43%	29%	14%	0%	
9	14%	14%	14%	14%	43%	
média	36%	29%	18%	7%	11%	
Cognitivista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
5	86%	0%	14%	0%	0%	
10	43%	43%	14%	0%	0%	
14	71%	0%	29%	0%	0%	
17	100%	0%	0%	0%	0%	
média	75%	11%	14%	0%	0%	
Sócio-Cultural						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
6	29%	43%	29%	0%	0%	
11	29%	29%	29%	14%	0%	
média	29%	36%	29%	7%	0%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Pode-se considerar, de maneira geral, que todas as práticas foram avaliadas positivamente, sendo a cognitivista a mais apoiada e a comportamentalista a menos aceita. Na tabela 6 há os resultados para a avaliação destes mesmos questionados quanto a visão como aluno.

Tabela 6 – Resultados da visão como aluno dos que exercem função, Empresa Y

Abordagem tradicional						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
1	14%	29%	29%	14%	14%	
7	14%	14%	43%	0%	29%	
12	14%	29%	14%	14%	29%	
15	29%	43%	0%	0%	29%	
média	18%	29%	21%	7%	25%	
Comportamentalista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
2	29%	14%	14%	14%	29%	
8	43%	14%	29%	14%	0%	
13	14%	14%	43%	14%	14%	
16	71%	14%	0%	0%	14%	
média	39%	14%	21%	11%	14%	
Humanista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
3	43%	14%	29%	14%	0%	
4	43%	43%	14%	0%	0%	
8	43%	14%	29%	14%	0%	
9	14%	29%	14%	0%	43%	
média	36%	25%	21%	7%	11%	
Cognitivista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
5	71%	14%	14%	0%	0%	
10	57%	0%	43%	0%	0%	
14	43%	14%	43%	0%	0%	
17	86%	14%	0%	0%	0%	
média	64%	11%	25%	0%	0%	
Sócio-Cultural						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
6	43%	14%	43%	0%	0%	
11	14%	14%	43%	29%	0%	
média	29%	14%	43%	14%	0%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Para essa análise, destaca-se que para o ensino tradicional há uma queda nas médias avaliativas, mas as opiniões ainda são divididas com aceitação considerável (68% de médias avaliativas acima de 3). Enquanto isso, a média da abordagem comportamentalista foi bastante elevada com 74% de médias avaliativas acima de três (3), sendo que a nota cinco (5) aparece com uma frequência média de 39% dos casos.

Quanto as abordagens Humanista, Cognitivista e Sócio-Cultural aparentam pequena queda na média avaliativa, mas sem alterações significativas dentre as duas visões.

O índice de confiança para esse tópico foi de aproximadamente 68,8%, visto que o “n” é 10,26. Reforça-se que a questão 9 apresenta pior média avaliativa, seguida das questões dois e 12, sendo que a questão melhor avaliada foi a de número 17.

3.2.2 Visão dos alunos que não exercem função de docentes

Neste tópico, como foram cinco respostas com população igual a 22, pode-se afirmar que “n” é 6,47 e o índice de confiança foi de 60,7% aproximadamente.

A tabela 7 aponta os valores obtidos do questionário em porcentagem para cada questão avaliada. Nota-se que a abordagem tradicional possui avaliações bem distribuídas, porém com moda em avaliação nota três (3). Para a visão comportamentalista, 80% foram avaliadas com média acima de três (3), sendo que a moda foi a avaliação nota quatro (4) com média avaliativa de 45%.

Tabela 7 – Resultados da visão como professor dos que não exercem função, Empresa Y

Abordagem tradicional						
Questões	Frequência nota 5	Frequência nota 4	Frequência nota 3	Frequência nota 2	Frequência nota 1	
1	20%	0%	40%	40%	0%	
7	20%	0%	40%	20%	20%	
12	20%	0%	60%	0%	20%	
15	20%	0%	20%	20%	40%	
média	20%	0%	40%	20%	20%	
Comportamentalista						
Questões	Frequência nota 5	Frequência nota 4	Frequência nota 3	Frequência nota 2	Frequência nota 1	
2	0%	40%	20%	20%	20%	
8	20%	40%	40%	0%	0%	
13	20%	60%	0%	20%	0%	
16	20%	40%	20%	20%	0%	
média	15%	45%	20%	15%	5%	
Humanista						
Questões	Frequência nota 5	Frequência nota 4	Frequência nota 3	Frequência nota 2	Frequência nota 1	
3	80%	0%	20%	0%	0%	
4	80%	0%	20%	0%	0%	
8	20%	40%	40%	0%	0%	
9	0%	0%	40%	20%	40%	
média	45%	10%	30%	5%	10%	
Cognitivista						
Questões	Frequência nota 5	Frequência nota 4	Frequência nota 3	Frequência nota 2	Frequência nota 1	
5	40%	60%	0%	0%	0%	
10	60%	40%	0%	0%	0%	
14	60%	0%	40%	0%	0%	
17	100%	0%	0%	0%	0%	
média	65%	25%	10%	0%	0%	
Sócio-Cultural						
Questões	Frequência nota 5	Frequência nota 4	Frequência nota 3	Frequência nota 2	Frequência nota 1	
6	40%	20%	20%	20%	0%	
11	0%	60%	20%	20%	0%	
média	20%	40%	20%	20%	0%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Quanto à abordagem humanista, há uma média avaliativa de 85% acima de nota, sendo que moda é a nota cinco (5) que possui 45% a média avaliativa. A avaliação cognitivista, assim como na visão como professor, possui 100% de avaliações nota três (3) ou superior. Destaca-se que a média avaliativa da nota cinco (5) foi de 65% o que demonstra clara satisfação dos entrevistados quanto a essa prática. Para a avaliação Sócio-Cultural, foi avaliado como 80% na nota quatro (4) ou superior com médias bem distribuídas, sendo que a maior média foi a de nota quatro (4).

As perguntas com pior média avaliativa foram as de número 9 e 15 com 40% de avaliação média nota um (1) e 20% como nota dois (2). A questão de número dois, que foi desvalorizada em todas as análises anteriores, possui média avaliativa de 20% para avaliação nota um (1) e 20% para avaliação nota dois (2), permanecendo assim, como prática desaprovada pelos questionados. A questão com melhor média avaliativa foi a de número 17 com 100% de respostas nota cinco (5).

Quanto à visão como aluno desde grupo de questionados, a tabela 8 traz os respectivos valores das avaliações. Destaca-se dessa nova análise o fato de que todos os resultados foram muito parecidos com a visão anterior (como professor dos que não exercem função). As questões de número 2, 9 e 15 se demonstraram com menor média avaliativa e a questão 17 aparece novamente com 100% de avaliações nota cinco (5).

Tabela 8 – Resultados da visão como aluno dos que não exercem função, Empresa Y

Abordagem tradicional						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
1	20%	0%	40%	40%	0%	
7	0%	20%	40%	20%	20%	
12	0%	20%	40%	40%	0%	
15	20%	0%	40%	20%	20%	
média	10%	10%	40%	30%	10%	
Comportamentalista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
2	20%	40%	0%	20%	20%	
8	40%	20%	40%	0%	0%	
13	40%	20%	20%	20%	0%	
16	20%	40%	20%	20%	0%	
média	30%	30%	20%	15%	5%	
Humanista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
3	80%	0%	20%	0%	0%	
4	60%	20%	20%	0%	0%	
8	40%	20%	40%	0%	0%	
9	20%	0%	40%	20%	20%	
média	50%	10%	30%	5%	5%	
Cognitivista						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
5	60%	40%	0%	0%	0%	
10	40%	40%	20%	0%	0%	
14	20%	60%	20%	0%	0%	
17	100%	0%	0%	0%	0%	
média	55%	35%	10%	0%	0%	
Sócio-Cultural						
Questões	Frequencia nota 5	Frequencia nota 4	Frequencia nota 3	Frequencia nota 2	Frequencia nota 1	
6	40%	20%	20%	0%	20%	
11	0%	80%	0%	20%	0%	
média	20%	50%	10%	10%	10%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

3.3 COMPARAÇÕES DAS RESPOSTAS OBTIDAS

Para compreender as análises realizadas, primeiro é necessário entender o fator multiplicativo utilizado. Este pode ser obtido pela Equação 3.

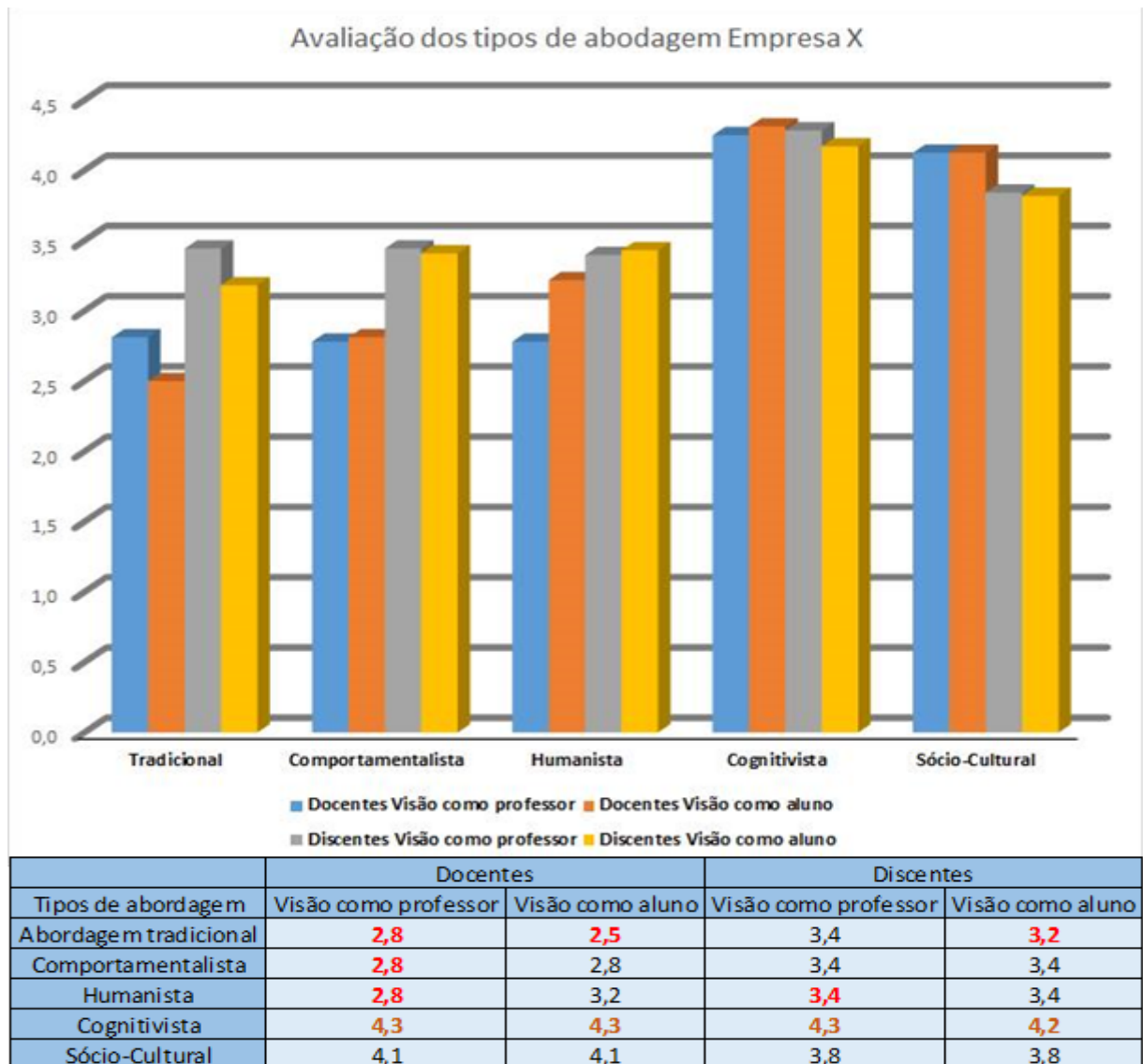
$$Fator\ multiplicativo = \sum_{i=1}^n m(i) \quad \text{Equação 3}$$

O valor máximo de n é cinco, pois é essa a quantidade de avaliações distintas (de 1 a 5). M é um valor obtido através da multiplicação da média da nota vezes seu próprio valor, como por exemplo, se a média avaliativa for 10% para nota cinco (5), multiplica-se cinco por 10%. Ou seja, o fator multiplicativo deve ser obtido multiplicando a média da nota cinco por cinco,

mais a média da nota quatro multiplicada por quatro, mais a média da nota três multiplicada por três e assim por diante. Destaca-se que seu valor máximo é cinco (5) e o mínimo é um (1).

A Figura 1 traz uma visão facilitada quanto a aceitação das práticas pela Empresa X. Na figura é encontrado o fator multiplicativo para cada tipo de abordagem. Para melhor visualização, as avaliações em vermelho possuem menores valores e as em laranja os maiores.

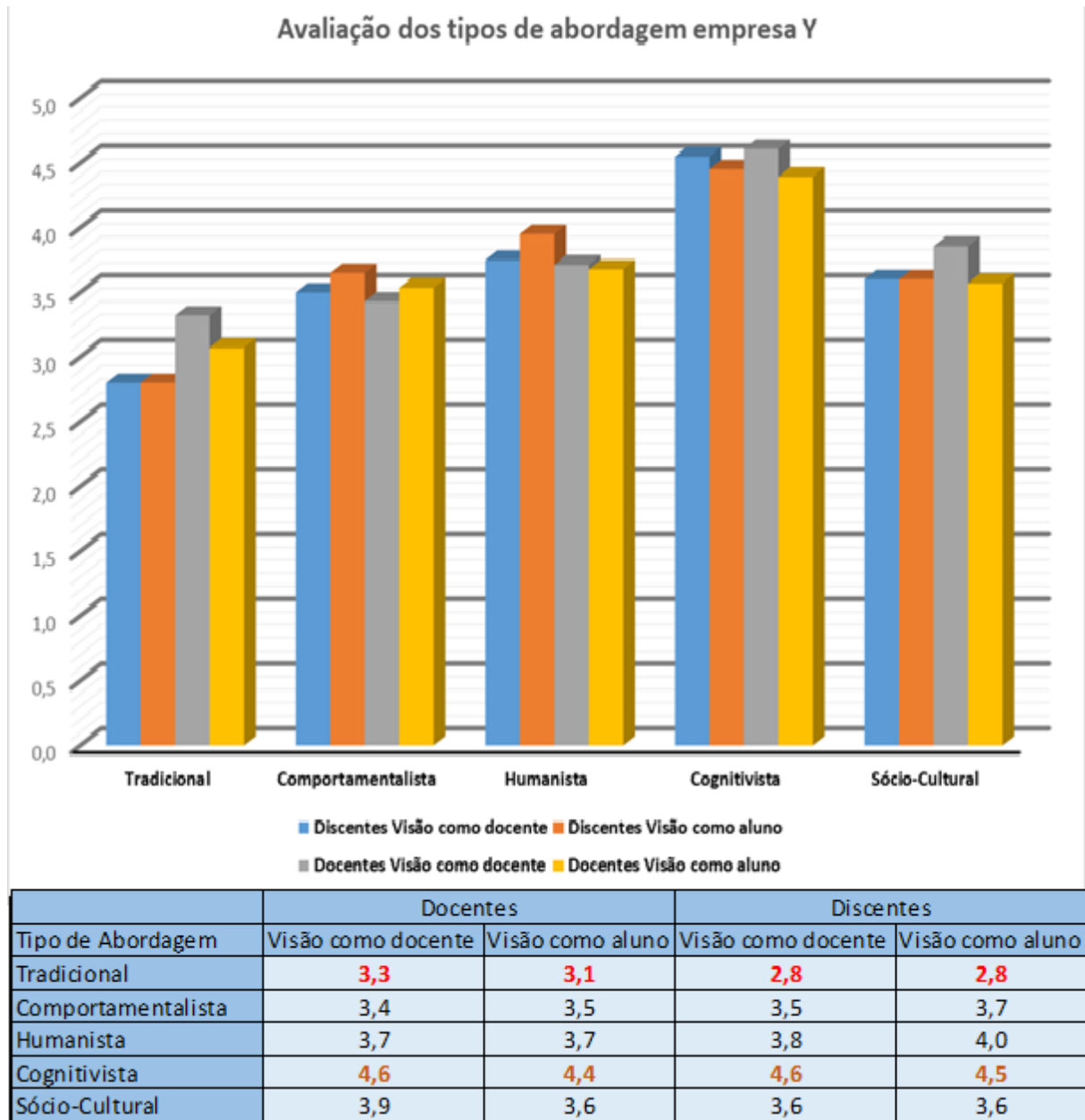
Figura 1 – Fator multiplicativo empresa X



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Os fatores da Empresa Y são encontrados na Figura 2.

Figura 2 – Fator multiplicativo empresa Y



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Com relação a diferença de opiniões entre a visão de docente e discente, destaca-se que há uma queda avaliativa para a prática tradicional quando compara a visão como docente e a visão como aluno na empresa Y. Isso reforça o pensamento de Gil Peres e Carvalho (2000) apud Barcellos (2010) quanto a praticidade de aplicar a metodologia que leva diversos professores a utilizá-la, mesmo sabendo que não traz boa visão para o aluno. O mesmo ocorre com a prática Sócio-Cultural e a prática cognitivista na Empresa Y, porém de forma mais branda. Em contrapartida, há um crescimento na visão da abordagem humanista para Empresa X e comportamentalista para Empresa Y, se observadas da mesma forma. Isso traz uma reflexão

de que tais práticas são bem aceitas pelos alunos, porém é mais difícil de ser trabalhada pelos professores. Ainda assim, na empresa X ocorre crescimento na abordagem tradicional quando comparado a visão dos que atuam como docentes para os que não atuam, o que mostra que os professores da empresa X estão mais preocupados em fugir da praticidade oferecida por tal abordagem, enquanto que os alunos ainda sentem certa atração pela prática.

Quanto a diferença entre opiniões dos que já exercem função e dos que não possuem experiência, destaca-se que para a Empresa Y não houve diferenças significativas, exceto para a prática tradicional que foi melhor avaliada pelos que já são docentes. Porém, na empresa X há divergências em todas as práticas com exceção da cognitivista. Os docentes avaliaram tanto as práticas tradicional, comportamentalista e humanista com notas inferiores, e a abordagem Sócio-Cultural com notas superiores aqueles que não exercem função.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens utilizadas pelos professores, como reforçado nas teorias utilizadas no trabalho, são meios facilitadores no processo de ensino-aprendizagem. Considerando a pluralidade de indivíduos envolvidos no processo – abrangendo professores e alunos – é justificável a utilização de mais de uma abordagem por parte do professor, uma vez que, como discutido no artigo, cada indivíduo aprende de uma forma diferente ou, ainda, aprende de diversas maneiras.

Concluiu-se que, na empresa X, a abordagem tradicional foi a menos pontuada. Utilizando os mesmos parâmetros, a cognitivista foi a mais bem avaliada tanto para os que já exercem a função quanto para os que não possuem experiência. Ainda sobre a Empresa X, as abordagens Humanista e Comportamentalista foram avaliadas com notas medianas, enquanto que a Sócio-Cultural foi bem avaliada estando apenas atrás da cognitivista.

Na empresa Y, a abordagem cognitivista foi a mais bem avaliada, tanto por alunos que já exercem a profissão de professores quanto por aqueles que ainda não são docentes, e em ambas as visões – como (futuro) professor e como aluno. Na mesma análise, a prática tradicional foi a menos pontuada. As abordagens, comportamentalista e humanista, as menos marcadas, perdendo apenas para a tradicional que continua sendo a que possui pior avaliação.

Nota-se uma leve diferença nas abordagens Comportamentalista e Humanista quando comparadas da empresa X para a Y. Em geral, empresa Y possui melhores médias para essas práticas.

Pode-se concluir que, de certa forma, há uma semelhança entre as avaliações dos alunos das duas empresas. No entanto, há divergências, como por exemplo: Em ambas empresas a avaliação maior foi para a prática cognitivista, entretanto, a sócio-cultural ocupa o segundo lugar nas avaliações da empresa X, já na empresa Y, ocupa o terceiro lugar, prevalecendo a abordagem humanista.

Sendo assim, nota-se a necessidade de repensar as abordagens utilizadas pelos professores em sala de aula, notando que há aspectos de algumas abordagens que demonstraram não ser vistas como eficazes pela grande maioria dos alunos. Outro fato para tal reflexão é a pluralidade de indivíduos com diferentes concepções e faculdades cognitivas. Sendo assim, a diversificação dos métodos utilizados pelos professores pode auxiliar de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem.

Como fator limitante a esta pesquisa, destaca-se que assim como a obra de Barcellos (2010), esta pesquisa traz a visão do aluno e, portanto, não traz claramente uma garantia dos mesmos para atuação como professores. Essas conclusões podem ser feitas apenas se analisados os dados dos docentes em sua visão como professor em ambas empresas. Essa proposta não foi foco deste trabalho, porém abre lacunas para trabalhos futuros.

Ainda como sugestão a trabalhos futuros, destaca-se a importância de analisar questão a questão do questionário aplicado e observar se é possível realizar um conjunto de práticas que resulte em metodologias de ensino combinadas. Podem ser trabalhadas aulas experimentais de forma aos alunos avaliarem essas metodologias trazendo possíveis resultados à pesquisa. Assim, é possível que a “pluralidade na própria singularidade” citada por Freire (1984, p.40) seja facilitada para os professores de curso de Pós-Graduação em Docência Universitária.

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, D. D. **Análise das concepções de ensino-aprendizagem de alguns licenciandos de uma Universidade particular de São Paulo, SP.** Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2010
- BELLAN, Z.S. **Andragogia em ação: como ensinar adultos sem se tornar maçante.** Santa Barbara d'Oeste, SP: SOCEP Editora, 2005.
- BORDENAVE, J. E. D. **A opção pedagógica pode ter consequências individuais e sociais importantes.** Revista de Educação AEC, Minas Gerais, nº 54, pp. 41-5, 1984.
- FREIRE, P., **A concepção Bancária da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica.** In: FREIRE, P., *Pedagogia do oprimido*, 17ª edição, Editora Paz e Terra, Coleção o Mundo Hoje, v.21, Rio de Janeiro, 1970, p. 57-75.
- _____. **Educação como prática de liberdade.** 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática.** Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GADOTTI, M. **Conclusão: desafios da Educação pós-moderna.** In: *Histórias das Ideias Pedagógicas.* Ática, 1993.
- LABURÚ, C.E., ARRUDA, S.M, NARDI, R., **Pluralismo metodológico no ensino de Ciências.** *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 247-260, 2003.
- LACANALLO, L. F. et. al. **Métodos de ensino e de aprendizagem: uma análise histórica e educacional do trabalho didático.** Disponível em:
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/M%20C9TODOS%20DE%20ENSINO%20E%20DE%20APRENDIZAGEM%20UMA%20AN%20C1LISE%20HIST%20D3RICA.pdf> Data de acesso: 26/04/2016
- LIBÂNEO, J. C. **Tendências pedagógicas na prática escolar.** In: *Revista da Ande*, nº 06, 1982, pp. 11-9.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: As abordagens do processo.** São Paulo: E.P.U., 1986.
- REGNER, A. C. K. P. 1996. **Feyerabend e o pluralismo metodológico.** *Caderno Catarinense de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 231-247, dez. 1996.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia.** São Paulo: Cortez, 1984.
- VEIGA, I. P. A. **Docência universitária na educação superior.** VI Simpósio Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais "Anísio Teixeira" (INEP), 2005
- WEBER, C.R.; *et al.* **Diagnóstico e Análise da Percepção dos Clientes frente aos Serviços Prestados por uma Auto Mecânica da cidade de Horizontina - RS - Uma Aplicação da**

Escala SERVPERF. In: IV Simpósio de Gestão e Estratégia em Negócios - SIMGEN 2006, Seropédica – RJ, 2006.

APÊNDICE A

Caro aluno, afim de diagnosticar a visão dos discentes do curso de pós graduação de docência universitária quanto a abordagens, metodologias e práticas de ensino, solicitamos que responda abaixo:

Você já exerce profissão como professor? () Sim () Não

Se sim, há quanto tempo? ____

Avalie as práticas objetivas com relação a seu nível de aceitação (de 1 a 5), sendo 5 o valor máximo de aceitação e 1 o mínimo. Avalie sua visão como professor (ou futuro docente) e como aluno no ensino superior.

Perguntas objetivas: Quanto aos professores.	Visão como professor					Visão como aluno				
	5	4	3	2	1	5	4	3	2	1
Escola de aceitação da prática.										
1. Devem ser arbitrários e centralizadores demonstrando autoridade em sala.										
2. Deve haver reforço no relacionamento entre professores e alunos (Compensações e prêmios para os bons alunos e punições para os ruins).										
3. Devem criar melhores condições de aprendizado para o aluno, não existindo modelo ou regra, elaborando a aula de forma favorável ao desenvolvimento do aluno.										
4. Devem focar o ensino tanto no intelectual, quanto no emocional do aluno, aceitando o aluno como ele é e criando empatia e elos de confiança.										
5. Deve focar em reciprocidade intelectual, visto que ambas partes aprendem com o conteúdo ministrado										
6. A relação de professor-aluno deve ser horizontal onde o primeiro deve questionar junto ao discente sendo intermediário entre o aluno e o conteúdo										

Perguntas objetivas: Quanto a Aprendizagem	Visão como professor					Visão como aluno				
	5	4	3	2	1	5	4	3	2	1
Escola de aceitação da prática										
7. Se os discentes se comportarem como ouvintes mantendo a disciplina a aprendizagem é consideravelmente satisfatória.										
8. O conhecimento é resultado direto da experiência do aluno										
9. Os motivos para aprender devem ser exclusivamente do aluno										
10. O aprendizado é obtido por assimilação que provoca reestruturação das ideias após a inserção de novos conhecimentos										
11. A aprendizagem ocorre por base de relações sociais em que o aluno é apresentado ao meio ou contexto anteriormente a exposição de conteúdo										

Perguntas objetivas: Sistema de avaliação	Visão como professor					Visão como aluno				
	5	4	3	2	1	5	4	3	2	1
Escola de aceitação da prática										
12. Devem ser utilizadas provas para garantir uma exigência mínima de aprendizagem do aluno										
13. Avaliações devem ser feitas de forma a garantir que o aluno possa progredir a seu próprio ritmo, com passos pequenos.										
14. A avaliação deve garantir de forma qualitativa que o aluno adquiriu noções acerca do tema e realizou operações, relações e outros.										

APÊNDICE B

Visão como professor					
Perguntas	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 5	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 4	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 3	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 2	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 1
1	1	0	2	2	3
2	1	0	1	0	6
3	4	0	1	3	0
4	7	1	0	0	0
5	6	1	1	0	0
6	6	0	2	0	0
7	1	1	4	1	1
8	0	1	4	2	1
9	0	1	1	1	5
10	2	3	2	1	0
11	2	2	4	0	0
12	3	3	0	0	2
13	2	1	1	2	2
14	2	4	0	2	0
15	1	0	3	1	3
16	4	1	1	2	0
17	7	1	0	0	0

Visão como aluno					
Perguntas	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 5	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 4	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 3	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 2	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 1
1	1	1	1	1	4
2	1	0	1	1	5
3	4	0	1	3	0
4	6	2	0	0	0
5	7	0	1	0	0
6	6	0	2	0	0
7	1	1	2	2	2
8	0	0	5	3	0
9	0	1	1	2	4
10	3	2	2	1	0
11	2	2	4	0	0
12	2	3	0	1	2
13	2	2	0	2	2
14	2	4	0	2	0
15	0	0	3	1	4
16	3	1	3	1	0
17	7	1	0	0	0

APÊNDICE C

Visão como professor					
Perguntas	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 5	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 4	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 3	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 2	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 1
1	3	4	8	3	4
2	3	1	4	3	11
3	8	7	5	0	2
4	12	6	3	0	1
5	12	8	1	1	0
6	8	9	4	0	1
7	7	6	3	5	1
8	4	7	7	2	2
9	2	1	4	4	11
10	7	11	4	0	0
11	8	3	7	3	1
12	6	8	6	1	1
13	7	5	8	0	2
14	6	7	7	1	1
15	8	4	5	0	5
16	16	2	3	1	0
17	19	3	0	0	0

Visão como aluno					
Perguntas	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 5	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 4	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 3	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 2	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 1
1	3	3	7	3	6
2	3	1	5	3	10
3	9	6	5	0	2
4	12	5	4	0	1
5	10	8	3	1	0
6	8	7	5	1	1
7	4	9	3	5	1
8	4	5	8	3	2
9	1	1	10	2	8
10	7	9	6	0	0
11	7	5	8	1	1
12	2	6	9	3	2
13	6	5	8	1	2
14	4	6	11	0	1
15	8	4	4	1	5
16	17	1	3	1	0
17	19	3	0	0	0

APÊNDICE D

Visão como professor					
Perguntas	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 5	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 4	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 3	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 2	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 1
1	1	2	3	0	1
2	0	2	2	1	2
3	4	1	2	0	0
4	4	3	0	0	0
5	6	0	1	0	0
6	2	3	2	0	0
7	1	2	3	0	1
8	1	3	2	1	0
9	1	1	1	1	3
10	3	3	1	0	0
11	2	2	2	1	0
12	2	1	2	0	2
13	2	2	1	1	1
14	5	0	2	0	0
15	2	2	2	0	1
16	5	0	1	0	1
17	7	0	0	0	0

Visão como aluno					
Perguntas	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 5	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 4	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 3	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 2	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 1
1	1	2	2	1	1
2	2	1	1	1	2
3	3	1	2	1	0
4	3	3	1	0	0
5	5	1	1	0	0
6	3	1	3	0	0
7	1	1	3	0	2
8	3	1	2	1	0
9	1	2	1	0	3
10	4	0	3	0	0
11	1	1	3	2	0
12	1	2	1	1	2
13	1	1	3	1	1
14	3	1	3	0	0
15	2	3	0	0	2
16	5	1	0	0	1
17	6	1	0	0	0

APÊNDICE E

Visão como professor					
Perguntas	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 5	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 4	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 3	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 2	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 1
1	1	0	2	2	0
2	0	2	1	1	1
3	4	0	1	0	0
4	4	0	1	0	0
5	2	3	0	0	0
6	2	1	1	1	0
7	1	0	2	1	1
8	1	2	2	0	0
9	0	0	2	1	2
10	3	2	0	0	0
11	0	3	1	1	0
12	1	0	3	0	1
13	1	3	0	1	0
14	3	0	2	0	0
15	1	0	1	1	2
16	1	2	1	1	0
17	5	0	0	0	0

Visão como aluno					
Perguntas	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 5	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 4	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 3	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 2	Quantidade de pessoas que avaliaram Nota 1
1	1	0	2	2	0
2	1	2	0	1	1
3	4	0	1	0	0
4	3	1	1	0	0
5	3	2	0	0	0
6	2	1	1	0	1
7	0	1	2	1	1
8	2	1	2	0	0
9	1	0	2	1	1
10	2	2	1	0	0
11	0	4	0	1	0
12	0	1	2	2	0
13	2	1	1	1	0
14	1	3	1	0	0
15	1	0	2	1	1
16	1	2	1	1	0
17	5	0	0	0	0